

# ENTRE A INFORMAÇÃO E O SONHO: o espaço da biblioteca contemporânea

artigo de revisão

Dulce Maria Baptista\*

## RESUMO

Descreve-se nesse trabalho a seqüência de etapas que transformam o pensamento em linguagem, discurso e informação registrada, entendida esta como objeto de interesse da ciência da informação. Considerando-se que nos dias atuais os avanços da tecnologia determinam importantes mudanças na organização, gerência e disseminação da informação, analisa-se o perfil do bibliotecário, em suas novas e múltiplas competências e habilitações profissionais, bem como a necessidade de atuação interdisciplinar. Nesse contexto, aborda-se a evolução histórica e o novo conceito de biblioteca. Em função da necessária complementaridade entre informação e leitura, constata-se que o grande desafio da biblioteca contemporânea é o de se converter no espaço de convergência entre o acesso à informação e o hábito de leitura.

**Palavras-chave:** Informação Registrada. Biblioteca. Bibliotecário. Interdisciplinaridade. Livro. Hábito de Leitura

\* Professora adjunta Departamento de Ciência da Informação e Documentação Universidade de Brasília.  
Email: dmbp@unb.br

## I INTRODUÇÃO

A conhecida frase de Monteiro Lobato, segundo a qual “um país se faz com homens e livros”<sup>1</sup>, poderia, se transposta para os dias de hoje, ser formulada nos seguintes termos: um país se faz com cidadãos e conhecimento. Como se sabe, além do grande escritor que foi, Monteiro Lobato foi também um patriota, sempre preocupado com as questões do Brasil. Por essa razão, se vivo estivesse, ele talvez concordasse com essa mudança. Em seu tempo, por exemplo, a palavra “homens” constituía o termo mais abrangente para designar a espécie humana como um todo. Ainda hoje é assim, porém observa-se atualmente uma valorização crescente do conceito de cidadania, e por conseguinte, de cidadão, como sendo alguém que, a par de cumprir deveres e exercer direitos, é capaz de empreender ações conscientes e

deliberadas em favor da coletividade. Em outras palavras, poder-se-ia inferir que o progresso de uma nação está intimamente ligado ao nível de cidadania de seus habitantes.

Algumas preocupações de natureza global vêm contribuindo, sem dúvida, a tal valorização. São temáticas de alcance planetário, que, graças à onipresença da informação, vêm sendo compartilhadas, também em escala crescente, por indivíduos, organizações e governos em todo o mundo. Como exemplo desses temas, podem ser citados: questão ambiental; qualidade de vida; respeito às diferenças; inclusão *versus* exclusão social; conhecimento como fator de progresso, etc. Essas questões demandam ações conscientes baseadas em informação para que possam produzir resultados positivos no contexto em que são postas em prática.

Quanto ao segundo termo da frase de Lobato, a palavra “livros”, sua substituição por “conhecimento” parece apropriada, se pudermos entender como tal o conjunto dos registros do pensamento humano, que hoje não

<sup>1</sup> Almanaque Autores. Banco de Dados Folha. Monteiro Lobato. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/monteirolobato.htm>>. Acesso em: abril de 2008.

se refere exclusivamente ao objeto livro, mas a uma variedade considerável de suportes – sejam impressos, eletrônicos, virtuais, etc – e que constituiriam cumulativamente o grande livro do conhecimento. O presente artigo analisa alguns aspectos referentes à informação, como componente básico do conhecimento, e nesse contexto, a profissão do bibliotecário e o espaço da biblioteca contemporânea.

## 2 O PENSAMENTO, SUA EXPRESSÃO E REGISTRO

Considerando que o pensamento humano é condicionado por uma série de fatores (biológicos, cognitivos, culturais, históricos, geográficos, políticos, religiosos, econômicos, sociais, lingüísticos, etc.), sua exteriorização torna-se extremamente diversificada. Toda essa diversidade encontra sua expressão na linguagem - seja esta gestual, oral ou escrita, - e no discurso.

Linguagem e discurso, por sua vez, têm sido objeto de ampla especulação filosófica ao longo do tempo. De Platão, segundo SILVA (2001), e o eternamente reeditado Aristóteles (1969), a pensadores modernos como Foucault (1990), Derrida (1973) e muitos outros, o assunto é tratado

como algo que sendo inerente à própria condição humana, contém em si as bases epistemológicas para o entendimento de fenômenos e processos que presidem a comunicação, em geral, e determinados tipos de discurso, em particular. A questão do discurso caracteriza-se, portanto, por elevado nível de complexidade, sendo que, no contexto da ciência da informação, interessa particularmente o registro do discurso – seja este de que natureza for –, o qual se consubstancia em informação registrada, e que, como tal, é suscetível de gerar outras informações, de ser organizado e gerenciado para fins de recuperação, multiplicação, disseminação, intercâmbio, etc. Nessa perspectiva, embora considerando que algumas correntes de pensamento tendem a rejeitar limites muito precisos na diferenciação de discursos como, por exemplo, Carvalho (1997), Lima (s.d.), e Fonseca (s.d.), e para efeito de análise e organização da informação, torna-se interessante distinguir-se, a “*grosso modo*”, dois tipos importantes de discurso, os quais resultam em informação e conhecimento: o discurso científico e o discurso literário. Ambos apresentam características que os identificam e particularizam, tal como ilustrado no Quadro 1.

<b>Discurso científico</b>	<b>..... Discurso literário</b>
-	
A ciência em todas as suas áreas	..... - Arte da palavra: poesia e prosa
- Objetividade	..... - Subjetividade
- Univocidade	..... - Polissemia
- Denotação	- Conotação
- Raciocínio lógico	..... - Criatividade
- Apela à realidade	..... - Apela à imaginação
- Prioriza a razão	..... - Prioriza a sensibilidade
- Origem: cientistas; pesquisadores; docentes; estudiosos; especialistas;	..... - Origem: escritores; poetas;
editores de revistas científicas, etc.	..... literatos; estudiosos; teóricos;
	..... críticos, etc.

**Quadro 1:** Características distintivas do discurso científico e do discurso literário (Elaboração da autora)

O discurso científico constitui expressão do pensamento científico, em sua evolução, ramificações, especializações e aplicações. Dessa forma, tem-se o conhecimento matemático, biológico, jurídico, etc, com todas as suas subdivisões, as quais correspondem não só ao progresso, em si, de cada área, como também ao surgimento de novas áreas e/ou ao desbravamento de novas fronteiras do conhecimento.

O registro dessa evolução se realiza por meio da literatura científica, a qual engloba principalmente livros, publicações periódicas, artigos em congressos, teses e dissertações, sendo que tais registros passam a ser entendidos como recursos informacionais. Esses recursos são contidos nos mais variados suportes que o mercado editorial e a tecnologia oferecem: impressos, eletrônicos, digitais, virtuais, mistos.

Em relação ao discurso literário, e levando em conta as especificidades apontadas, é

interessante observar que com todas as diferenças, ambos os discursos contêm informação que gera conhecimento. Ou seja, se é possível exemplificar, do mesmo modo que um artigo sobre química contém informações específicas, precisas e comprováveis, ao utilizar recursos de narrativa e descrição, um romance pode conter informações que levam ao conhecimento de hábitos e costumes de uma determinada comunidade, a história de um povo, etc.

Em qualquer dos casos, portanto, a informação constitui – embora expressa de forma radicalmente distinta e com diferente propósito – o elemento básico constitutivo do conhecimento. Nesse contexto, o que se constata é que, *mutatis mutandi*, o processo de transformação do pensamento em recurso informacional se dá de forma análoga tanto em um tipo de discurso como em outro, conforme ilustrado na Figura 1.

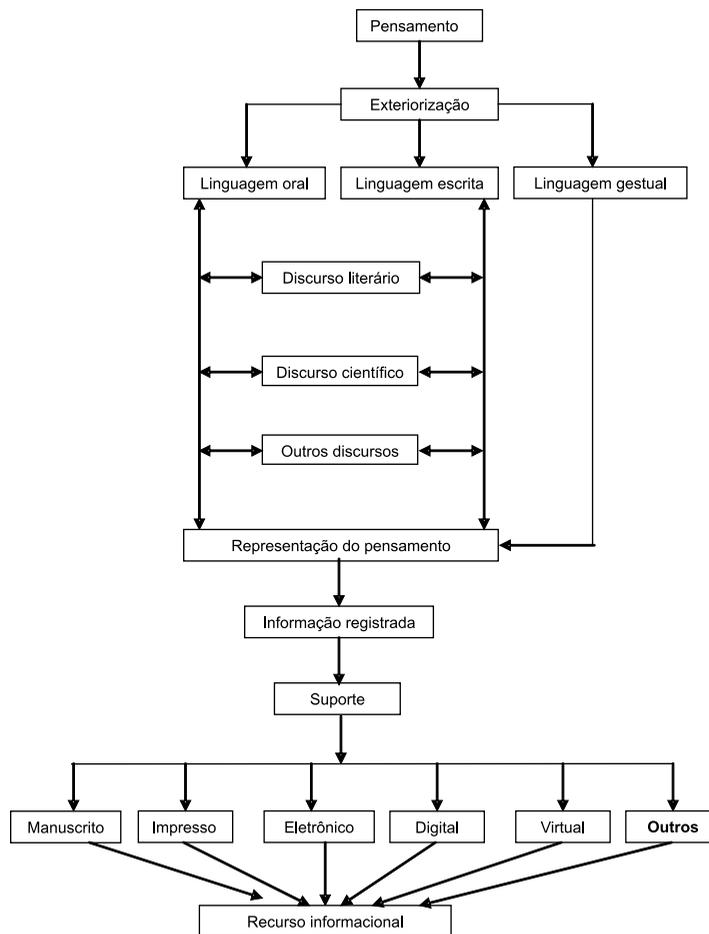


Figura 1: Do pensamento ao recurso informacional (Elaboração da autora)

### 3 O BIBLIOTECÁRIO COMO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

O recurso informacional constitui também um objeto informacional que se torna disponível aos interessados mediante uma série de práticas resultantes da aplicação de conhecimentos interdisciplinares e dos avanços da tecnologia. Nesse cenário, e considerando as diferentes categorias profissionais envolvidas com o tratamento da informação, o bibliotecário parece ser o mais afetado em suas competências e atribuições, seja como consequência da evolução

ocorrida no âmbito da biblioteca, enquanto instituição, seja como reflexo da diversificação nos suportes de informação, ou como resultado inevitável das modificações que a tecnologia introduziu nas rotinas da biblioteca.

Para ilustrar as transformações que vêm impactando a profissão, é interessante compará-la com outras categorias, em relação aos respectivos focos, ações e resultados previstos.

Levando em conta que, de modo geral, todas as profissões lidam com informação, e que há aquelas que o fazem mais diretamente, ou nas quais a informação é atividade fim, torna-se possível visualizar o Quadro 2.

Profissão	Foco	Ação	Resultado
Jornalista	Acontecimento; Fato	Levantamento de dados; Pesquisa; Redação; Divulgação na mídia impressa, rádio, televisão e internet	Informação; Notícia; Reportagem; Comentário; Análise especializada
Analista de Sistemas	Tecnologia da Informação	Pesquisa Aplicada	Equipamentos; Sistemas; Hardware
Desenvolvedor de Softwares	Tecnologia da Informação	Desenvolvimento de softwares; Patenteamento de programas	Comercialização de softwares; Suporte técnico
Webdesigner	Tecnologia da Informação	Desenho e manutenção de páginas web	Portais corporativos; Páginas pessoais
Detetive	Situação conflituosa envolvendo mistério	Levantamento de dados; Pesquisa de campo	Informação; Esclarecimento de mistério
Bibliotecário	Recursos informacionais	Organização, Gerência, e Disseminação da Informação	Serviços e produtos de informação
Arquivista	Memória institucional; Fatos históricos	Organização, Gerência e Disseminação de informação arquivística	Preservação e/ou publicação da documentação arquivística
Museólogo	Objetos de valor histórico, científico, arqueológico, artístico	Organização, gerência e disseminação de informação museológica	Exposições, mostras, filmes, publicações especializadas

**Quadro 2:** Profissões e informação (Elaboração da autora)

Como se pode observar, trata-se de uma descrição esquemática, e portanto não exaustiva, das profissões em questão. Ainda assim, é possível distinguir claramente o foco, a ação e o resultado, em categorias como o jornalista - que tem no acontecimento o seu ponto de partida -, os informatas, cujo foco inequívoco é a tecnologia da informação, e o detetive, que reúne informações com o objetivo de elucidar casos. Já a biblioteconomia, a arquivologia e a museologia, entendidas por Le Coadic (2004) como áreas de aplicação da ciência da informação, apresentam aspectos comuns, principalmente no que se refere ao tipo de ação que empreendem, ou seja, quanto à organização, gerência e disseminação de informação.

Por outro lado, na medida em que os focos do arquivista e do museólogo parecem ser respectivamente mais nítidos (ou historicamente mais estáveis) que o do bibliotecário, - que se deslocou progressivamente do livro para a informação - os resultados esperados da ação dos dois primeiros parecem ser também mais claros do que aquilo que se espera atualmente do último. Em outras palavras, a existência de biblioteca/ unidade de informação, como local de trabalho, e o oferecimento de produtos e serviços, como resultados esperados da atuação do bibliotecário, suscitam indagações como, por exemplo: O que é uma unidade de informação? Que produtos e serviços podem ser oferecidos? E também, sem dúvida: Em tempos de internet, qual a utilidade de uma biblioteca? O que é um bibliotecário, além de um administrador de livros? São questões evidentemente interligadas, e que têm a ver com os avanços nas tecnologias de comunicação, com as transformações ocorridas no âmbito da biblioteconomia, como um todo, e com a necessidade de esforços interdisciplinares que privilegiem o acesso à informação e a democratização do conhecimento.

No contexto da geração e circulação de informação, a clara conscientização da mudança no perfil profissional do bibliotecário se torna necessária devido também às imagens e estereótipos presentes não só na literatura especializada, como, por exemplo, em Fonseca (1992), Smit (1982), Eggert (1996), Lima e Almeida Júnior (1998), Almeida Júnior (2002), e Walter e Baptista (2007), para citar apenas esses autores, como principalmente na literatura de ficção. De Dickens (1969) a Beauvoir (2003), passando

por Musil (2006), Auster (1991), e a King (1992), entre muitos outros, o bibliotecário personifica um certo alheamento em relação ao mundo real, ou uma tendência irresistível à burocratização, em detrimento da inovação e do dinamismo. Ocorre, no entanto, que com o deslocamento do seu foco de atividades, conforme citado acima, essa mudança tornou-se irreversível sob pena de inviabilizar a sobrevivência da categoria.

De acordo com esse novo perfil, o bibliotecário é alguém que gera, organiza, gerencia, e dissemina informação; administra sistemas/unidades de informação e documentação; dirige e trabalha em bibliotecas públicas, especializadas, universitárias, escolares, etc.; presta consultorias; participa na formulação de políticas de informação, e muitas outras funções *ad hoc*. É importante destacar que no mundo globalizado e cada vez mais interconectado de hoje, seu trabalho torna-se necessariamente descentralizado e colaborativo.

Devido, porém, às imagens e estereótipos mencionados, ele encontra dificuldades em tornar clara essa realidade, o que se traduz, por sua vez, em níveis de remuneração e status defasados em relação a outras categorias profissionais.

A esse respeito, inclusive, alguns estudos e levantamentos realizados por entidades de classe procuram justamente contribuir ao estabelecimento de níveis salariais mais compatíveis com a realidade da profissão.<sup>2</sup>

Em um país como o Brasil, onde educação e cultura não merecem ainda a devida prioridade em termos de políticas públicas, o mercado de trabalho representado pela biblioteca escolar, por exemplo, é precário, na medida em que é paradoxalmente deficiente, no âmbito da educação, a compreensão de que biblioteca é parte da escola, e não um eventual acessório. Ainda hoje, presencia-se a situação freqüente do professor e/ou de outro funcionário que, em desvio de função, passa a se ocupar da biblioteca, e que, por maior que seja a sua boa vontade, se vê em dificuldades quando o acervo cresce, a freqüência aumenta, ou ainda, quando ele percebe a urgência de se organizar a coleção de forma racional, para que esta possa ser efetivamente

2 Para recomendações referentes ao nível salarial dos bibliotecários, consultar o portal do Conselho Regional de Biblioteconomia CRBI <<http://www.crbi.org.br/contato/faq8.htm>>.

útil à sua clientela. É interessante observar que há, no ambiente escolar, um entendimento mais claro da necessidade de se contratar o professor de educação física, do que o bibliotecário. É como se o trabalho deste último – supostamente restrito a supervisionar uma sala de leitura – pudesse ser desempenhado, sem susto, por qualquer pessoa bem intencionada. O resultado disso, como se sabe, é o círculo vicioso em que a escola denomina a biblioteca de “sala de leitura” para não ser obrigada a contratar um profissional, e uma comunidade escolar que permanece carente de hábito de leitura, justamente por falta de um tratamento profissional da questão.

Em outros segmentos do mercado de trabalho, tais como nos poderes legislativo e judiciário, o bibliotecário encontra níveis melhores de remuneração e reconhecimento, porém seus postos de trabalho não representam a média, mas antes um contraste em relação a outros setores, como por exemplo, bibliotecas universitárias e de organizações governamentais e não governamentais dos mais variados tipos. Em praticamente todos os casos observa-se ainda a dificuldade do bibliotecário no sentido de se fazer ouvir e participar de decisões.

Constata-se, em síntese, uma situação curiosa, e ao mesmo tempo típica da profissão: embora sendo relativamente baixo o nível de desemprego entre os bibliotecários, a média salarial ainda é insatisfatória, se comparada a de outras categorias. Seu reconhecimento, como profissional da informação, varia de acordo com o tipo de atividade que desempenha – seja esta predominantemente tecnológica, técnica-especializada, gerencial, ou voltada para ações de cunho social. Em qualquer dos casos, no entanto, há quase sempre uma necessidade implícita de auto-afirmação, diante do desconhecimento de suas habilitações e possibilidades de atuação por parte de outros segmentos com os quais, inclusive, precisa muitas vezes interagir.

#### 4 O ESPAÇO DA BIBLIOTECA

Para retomar a indagação explicitada acima, quanto à utilidade de uma biblioteca em tempos de internet, indagação essa suscitada não só pela praticidade do acesso à rede, como também, - verdade seja dita - pela falta de familiaridade de muitos com a biblioteca, e ainda como se tecnologia e biblioteca fossem coisas incompatíveis,

vale lembrar a característica dupla do objeto livro, que por ser ao mesmo tempo artefato concreto e símbolo, faz também da instituição que o abriga um *locus* físico e simbólico. Sua evolução, por outro lado, é praticamente tão conturbada quanto a própria história da civilização, numa flagrante oposição à visão aparente de um local sossegado e imune às intempéries do mundo. Battles (2003), por exemplo, descreve cada capítulo dessa trajetória, pontuada por episódios dramáticos como incêndios e guerras, de Alexandria aos dias de hoje. A motivação para a sanha destruidora de imperadores, ditadores e déspotas em geral, foi sempre a consciência de que o conhecimento contido nos livros resultava - e ainda resulta - em poder. Como conseqüência, a destruição de uma biblioteca pelo inimigo representa uma das maiores humilhações para qualquer povo.

Considerando-se as concepções que modificam e/ou reforçam simbologias, torna-se sempre oportuno citar Eco (1983), que ilustra magistralmente em *O nome da Rosa*, a característica de guardião do saber, típica da época medieval, em que em meio ao silêncio claustral dos monges, o acesso a esse saber permanecia zelosamente guardado a sete chaves. Já os textos de Borges (1988; 2001), embora discorrendo muitas vezes sobre títulos, não se referem a uma bibliografia, mas a uma biblioteca infinita e labiríntica, como uma grande metáfora dos tesouros literários nela contidos.

A propósito da digitalização de coleções na Biblioteca Nacional da França, Maignien (1997) recorre às idéias de Foucault como referencial para entender as implicações da tecnologia, tanto na organização como na disponibilização de conteúdos, mas principalmente como elemento de concretização de discursos e linguagens, privilegiando dessa forma, o papel que o(s) discurso(s) exerce(m) na sociedade. Segundo ele,

é revelador que em trinta anos se passou da informática aplicada à língua, a uma informática aplicada ao texto e à economia dos textos dentro das lógicas dos discursos, quer dizer, ao papel que os discursos desempenham na sociedade, seja em relação ao assunto como ao autor da obra, por exemplo, ou como prescrição jurídica ou política, ou ainda como compartilhamento de verdade dentro dos campos científicos.<sup>3</sup> (MAIGNIEN, 1997, p.83)

<sup>3</sup> Tradução da autora.

Em relação aos dias atuais, Battles (2003), que é bibliotecário na universidade de Harvard, emite uma opinião interessante, ao dizer:

Tal como os escribas medievais, os bibliotecários atuais não se limitam a guardar e classificar textos; eles os criam, também, hoje sob forma de auxiliares à busca em linha e de outros textos eletrônicos, como guias de estudo e bibliografias.<sup>4</sup>(BATTLES, 2003, p.211)

Manguel (2006) que se considera um tanto cético quanto à internet, analisa dois aspectos da mesma questão. Segundo ele,

Como o mar, a web é volátil: 70% de seus conteúdos duram menos de quatro meses. Sua virtude (sua virtualidade) produz um presente constante – o que para os pensadores medievais era uma das definições do inferno”. Contudo, acrescenta ele, que “Alexandria e seus estudiosos (...) jamais se enganaram quanto à verdadeira natureza do passado: sabiam que ele era fonte de um presente em constante mutação, na qual novos leitores se dedicavam a velhos livros que se tornavam novos no processo de leitura (MANGUEL, 2006, p.32).

O processo da leitura é em si um ângulo fundamental dessa questão, e em função do qual se justifica historicamente todo o apreço ao livro e à biblioteca. Exige, porém, a existência do hábito de leitura, não só como condição ao aprimoramento intelectual do indivíduo, como também para o desenvolvimento coletivo da sociedade. Nesse aspecto, infelizmente, o Brasil continua sendo o que muitos especialistas entendem como um país de não leitores. Por essa razão, tudo o que envolve livro, biblioteca e leitura precisa ser considerado como objeto preferencial de qualquer política que se destine efetivamente a criar um novo cenário educativo e cultural no país. A esse propósito, Lindoso (2004) analisa uma série de questões referentes ao livro como objeto de política pública, e, dentro desse contexto, a realidade da biblioteca pública no país.

O que se pode constatar, sem equívoco, é que ao longo do tempo, as transformações operadas por circunstâncias históricas, políticas, culturais e principalmente pela tecnologia,

permitem identificar verdadeiras mudanças de paradigma no âmbito da informação, tais como a ruptura com a concepção de exclusividade do acesso ao conhecimento para a da democratização do saber. De fato, a biblioteca evoluiu de guardiã do saber, depósito de livros e sala de leitura, para unidade ou sistema de informação. Nesse contexto, a figura do leitor foi substituída – pelo menos no jargão profissional – pela de usuário, enquanto o funcionamento em rede e a prestação de serviços a distância passaram a constituir características típicas da biblioteca contemporânea.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se descrever o caminho que vai do pensamento ao recurso informacional, como uma seqüência de etapas inerentes ao processo de comunicação humana; a informação registrada como objeto de interesse da ciência da informação; o papel do bibliotecário nesse contexto, e a evolução da biblioteca como instituição que alia características físicas e simbólicas, e que, nos dias atuais vem passando por uma série de transformações, que a convertem em sistema de informação.

Com a conscientização planetária de que progresso e conhecimento são indissociáveis, e a conseqüente valorização do acesso a informação, independentemente do suporte em que estiver contida, a biblioteca procura, em todo o mundo, não só acompanhar os avanços tecnológicos referentes ao seu tratamento e disseminação, como também inovar em matéria de serviços e produtos que possam disponibilizar os imensos acervos existentes ao maior número possível de pessoas. Nessa perspectiva, a unidade de informação cumpre funções diferenciadas, seja como biblioteca pública, escolar, universitária, especializada, etc., tendo em vista o perfil e as necessidades específicas de seus usuários.

No Brasil, com as conhecidas dificuldades referentes à educação e cultura, o acesso à informação está longe ainda de ser atendido a contento. Como conseqüência, observa-se uma dicotomia artificial entre informação e leitura. Ou seja, o acesso indiscriminado a notícias e informações de todos os tipos, proporcionado pela mídia convencional e mesmo pela internet, não resulta automaticamente em hábito de leitura, o qual se traduz não apenas em apreensão

<sup>4</sup> Tradução da autora.

mecânica de conteúdos, mas no desenvolvimento da capacidade de reflexão e senso crítico, na incorporação de valores, e na ampliação de perspectivas para o indivíduo, como cidadão, e para a sociedade, como um todo.

A importância da inclusão digital é incontestável, porém está comprovado que por si só não resolve a questão da inclusão social, e, por conseguinte, da cidadania. Se assim fosse, não ocorreriam crimes pela internet, que vão do

plágio à pornografia, da invasão de privacidade ao golpe financeiro, e assim por diante. O grande desafio da biblioteca contemporânea é justamente o de se converter no espaço de convergência entre a informação, como elemento básico de todo conhecimento, e a leitura, como elemento indispensável na construção de um país melhor – quem sabe, até de um mundo melhor. É lícito imaginar que esta seria exatamente a utopia de Monteiro Lobato.

### **BETWEEN INFORMATION AND DREAM: the role of contemporary library**

#### **ABSTRACT**

*This paper describes a series of steps that turn thoughts into language, speech, and recorded information, being this last regarded as the focus of the information science. Considering that technological advances have nowadays determined relevant changes in the organization, management and dissemination of the information, the professional profile of librarians is analyzed here, considering their new and multiple skills and competencies, as well as the needs of interdisciplinary work. Within this context, the historical background and new concept of library are focused. Considering the necessary complementary characteristics of information and reading, it is noticed that the major challenge for the contemporary libraries is of being a place where the access to information and the reading habits converge.*

#### **Keywords:**

*Recorded Information, Library, Librarian Interdisciplinarity, Book, Reading Habit*

---

Artigo recebido em 15/04/2008 e aceito para publicação em 10/07/2008

---

#### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série. In: VALENTIM, Marta Lúcia (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 133-148.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969. 357 p. (Coleção Biblioteca Clássicos de Ouro Universais).

AUSTER, Paul. **Palácio da lua**. São Paulo: Best Seller, 1991.

BATTLES, Matthews. **Library: um unquiet history**. London; New York: W.W Norton & Company, 2003. 240 p.

BEAUVOIR, Simone. **A mulher desiludida**. São Paulo: Folha S. Paulo, 2003. 190 p.

BORGES, Jorge Luis. **Prólogos de la biblioteca de Babel**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2004. 158 p. (Biblioteca Borges)

BORGES, Jorge Luis. **Biblioteca personal**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2007. 173 p. (Biblioteca Borges).

CARVALHO, Olavo de. Aristóteles: os quatro discursos. In: CARVALHO, Olavo de. **Aristóteles em nova perspectiva**. Rio: Topbooks, 1997. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/livros/4discursos.htm>>. Acesso em: 5 fev 2008.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DICKENS, Charles. **Tempos difíceis**. São Paulo: Clube do Livro, 1969.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 562 p.

EGGERT, Gisela; MARTINS, Maria Emilia Ganzarolli. Bibliotecário. Quem é? O que faz? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v.1, n.1, 1996, p.45-48

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução a biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. 153 p.

FONSECA, Márcia Souza da. Sobre a matematização do mundo. **Revista Iberoamericana de Educación** (ISSN: 1681-5653). Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/918Souza.PDF>> Acesso em: 10 mar 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo, Martins fontes, 1990.

KING, Stephen. **Depois da meia noite: o policial da biblioteca**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 668 p.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.

LIMA, Justino Alves; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas & bibliotecários: situações insólitas, ou, crônicas bem-humoradas da biblioteconomia aplicáveis a outras profissões desprestigiadas**. São Paulo: Polis, 1998. 118 p.

LIMA, Luciano Rodrigues de. **Desconstruindo a lingüística estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida**. Disponível em: <<http://www2.docentes.uneb.br/lucianolima/artigos/>

[desconstruindoalinguisticaestruturalista.doc](#) > Acesso em: 8 mar 2008.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?: política para a cultura; política para o livro**. São Paulo: Summus, 2004. 222 p.

MAIGNIEN, Yannick. La bibliothèque de Michel Foucault. **Rencontres Médias 1** (1996-1997). Aspectes des nouvelles technologies de l'information. Disponível em: <[http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/doc/00/06/24/41/PDF/sic\\_00001131.pdf](http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/doc/00/06/24/41/PDF/sic_00001131.pdf)>. Acesso em 15 mar 2008.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 301 p.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 1273 p. (40 Anos, 40 Livros)

SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade. Platão e os fundamentos da linguagem. **Cadernos de Atas da ANPOF**, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/24-mariluze.pdf>> Acesso em: 5 abr 2008.

SMIT, Johanna. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feitiço de psicodrama. **Palavra chave**, Associação Paulista de Bibliotecários, São Paulo, v.2, n.2, p.23, 1982.

WALTER, MariaTereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**. v.17, n.3, 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/962>>. Acesso em: 10 abr 2008.

